

A jornada da descoberta de si: uma análise dialógica da representação da identidade bissexual na *webtoon heartstopper*

The journey of discovery of the self: a dialogical analysis of the representation of bisexual identity in the Webtoon Heartstopper

Paulo Eduardo Ferreira da Silva ¹

Maria da Penha Casado Alves ²

Matheus Silva de Souza ³

William Brenno dos Santos Oliveira ⁴

RESUMO

As *webtoons* emergem na contemporaneidade como uma forma singular de expressão criativa, oferecendo um espaço vital para a representação de identidades marginalizadas. A partir disso, este artigo tem como objetivo analisar a constituição da identidade do personagem Nick na *webtoon Heartstopper*, considerando as marcas linguístico-discursivas que delineiam essa construção. Situado no paradigma teórico-metodológico da *abordagem dialógica da linguagem*, o estudo fundamenta-se nos pressupostos do enunciado concreto (Bakhtin, 2016), da palavra e do signo ideológico (Volóchinov, 2019a, 2019b, 2017), bem como em teorias de identidade e alteridade (Bakhtin, 2010; Medviédev, 2016; Sobral e Giacomelli, 2015). A análise dos dados revela a formação de uma identidade bissexual em constante processo de construção, resistente aos estereótipos social e historicamente perpetrados na sociedade. Essa representação sugere uma narrativa de identidade fluida e multifacetada, destacando a complexidade das experiências individuais e desafiando noções preconcebidas de sexualidade e gênero.

Palavras-chave: Bissexualidade. Identidade inacabada. *Webtoon*.

ABSTRACT

Webtoons emerge in contemporary times as a singular form of creative expression, offering a vital space for the representation of marginalized identities. Based on that, this article aims to analyze the formation of the identity of the character Nick in the *webtoon Heartstopper*, considering the linguistic-discursive marks that delineate such construction. Situated in the theoretical-methodological paradigm of the dialogic approach to language, the study is based on the assumptions of the concrete utterance (Bakhtin, 2016), the word and the ideological sign (Volóchinov, 2019a, 2019b, 2017), as well as theories of identity and otherness (Bakhtin, 2010; Medviédev, 2016; Sobral and Giacomelli, 2015). The data analysis reveals the formation of a bisexual identity in a constant process of construction, resistant to stereotypes socially and historically perpetrated in society. This representation suggests a fluid and multifaceted narrative of identity, highlighting the complexity of individual experiences and challenging preconceived notions of sexuality and gender.

Keywords: Bisexuality. Unfinished identity. *Webtoon*.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). Natal/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8993-0022>. E-mail: paulo.silva.083@ufrn.edu.br.

² Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). Natal/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1762-5210>. E-mail: penhalves@msn.br.

³ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). Natal/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6503-3426>. E-mail: matheusrn@hotmail.com.

⁴ Doutor em Estudos da Linguagem (UFRN). Professor do Instituto Metrópole Digital (UFRN). Natal/RN, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4112-0810>. E-mail: williamoliveira@imd.ufrn.br.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, estamos imersos em uma era digital na qual as narrativas visuais ascendem como uma expressão artística proeminente. Este fenômeno é intrínseco à crescente interconexão global, impulsionada pela ubiquidade das tecnologias digitais e pela proliferação de dispositivos móveis de navegação e de visualização de conteúdos na *web*. No âmago dessa revolução hiperconectada, as formas tradicionais de expressão artística são complementadas e, em alguns casos, eclipsadas pela ascendência das narrativas visuais, que incorporam elementos visuais e audiovisuais em plataformas digitais diversas.

A visualidade contemporânea, alimentada pela convergência de mídias e pela democratização do acesso à produção e distribuição de conteúdo visual, evidencia uma transformação paradigmática no modo como a sociedade consome e interage com a arte. Nesse cenário, as narrativas visuais transcendem as fronteiras geográficas, proporcionando um alcance global instantâneo e uma interação mais imersiva. Um motivo notável para esse fenômeno é a distribuição/vendagem em massa de dispositivos eletrônicos com acesso à internet e às redes sociais, contribuindo para a disseminação acelerada dessas narrativas, influenciando a construção de identidades e estabelecendo novas formas de diálogo e comunicação estética.

Nesse contexto, as *webtoons*⁵ emergem como uma manifestação singular da criatividade contemporânea, estabelecendo um espaço imprescindível para a representação de identidades marginalizadas. Elas se configuram como histórias em quadrinhos digitais otimizadas para leitura em dispositivos eletrônicos e têm experimentado um crescimento notável em popularidade nos últimos anos, como um fenômeno intrinsecamente associado à proliferação da internet e à acessibilidade das tecnologias digitais.

A ascensão das *webtoons* transcende o mero entretenimento, transformando-se em um meio pelo qual diversas vozes podem ser não apenas ouvidas, mas também representadas. Neste cenário, é imperativo analisar o papel significativo desempenhado por essas obras na representação de identidades marginalizadas. Elas destacam-se como uma plataforma singular na qual artistas têm a oportunidade de narrar histórias autênticas, muitas vezes negligenciadas pelos meios de comunicação tradicionais. Dessa forma, contribuem de maneira relevante para uma representação mais diversificada e inclusiva no âmbito artístico contemporâneo.

Nesse contexto, a *webtoon Heartstopper*, criada pela autora Alice Oseman⁶, destaca-se como uma ferramenta de expressão artística que aborda de maneira sensível e autêntica as vivências de indivíduos pertencentes a grupos historicamente marginalizados. Esta obra emergiu no cenário das literaturas distribuídas por meios tecnológicos com uma abordagem inovadora ao explorar narrativas centradas em

⁵ Segundo Cho (2016, p. 31-32, tradução nossa) o gênero *Webtoon* é definido "por suas narrativas longas que foram criadas de uma forma otimizada para visualização/leitura na *web* e em dispositivos móveis - uma configuração que apresenta layout vertical, painéis estendidos e uso criativo do espaço das margens, bem como o uso de cores, estética distinta de tempo e espaço, direcionalidade regulada e/ou camadas transmídia".

⁶ Alice Oseman é uma autora e ilustradora britânica, conhecida por suas obras voltadas ao público jovem adulto. Originária do Reino Unido, Oseman ganhou destaque ao começar sua carreira como escritora durante o ensino médio, publicando histórias online antes de lançar seu primeiro livro. As temáticas recorrentes em suas obras incluem questões de identidade, amizade, amor e descobertas pessoais, abordadas de maneira sensível e honesta. Seus principais trabalhos incluem *Solitaire* (2014), *Radio Silence* (2016), *I Was Born for This* (2018) e a série de quadrinhos *Heartstopper* (2018 - presente), que se destaca pela narrativa de amadurecimento e romance entre Charlie e Nick, dois estudantes do ensino médio.

personagens LGBTQIAPN+⁷ e outras identidades marginalizadas. A obra desafia as normas tradicionais da representação, oferecendo um olhar autêntico e humano sobre as experiências de jovens que muitas vezes são negligenciados na *cultura mainstream*⁸.

Nela, somos apresentados ao personagem Nick Nelson, que é um dos protagonistas da série em quadrinhos supramencionada. Inicialmente apresentado como o capitão do time de rugby, o personagem enfrenta uma jornada intensa de autodescoberta e a narrativa destaca seus desafios em aceitar sua bissexualidade⁹, especialmente no ambiente esportivo tradicionalmente heteronormativo. Ao longo da história, Nick lida com o medo do julgamento dos colegas e a ansiedade relacionada à revelação de sua identidade, explorando temas sensíveis como a homofobia internalizada e o impacto na autoestima. Seu desenvolvimento emocional e os laços que ele forma com outros personagens contribuem para a complexidade e a riqueza da narrativa, oferecendo uma representação significativa das experiências LGBTQIAPN+ no plano artístico.

Diante disso, este artigo busca analisar de que forma se constitui a identidade do personagem Nick, levando em consideração as marcas linguístico-discursivas que demarcam essa construção. Situado no paradigma de pesquisa qualitativo-interpretativista da Linguística Aplicada¹⁰, nosso trabalho espera agregar contribuições aos estudos acerca de questões identitárias e ideológicas de um grupo social historicamente marginalizado, cujas identidades estão em construção permanente. Nossa base teórico-metodológica está ancorada nos pressupostos acerca do enunciado concreto (Bakhtin, 2016), da palavra e do signo ideológico (Volóchinov, 2019a, 2019b, 2017), além de um arcabouço de pensadores que versam sobre identidade e a alteridade (Bakhtin, 2010; Medviédev, 2016; Sobral e Giacomelli, 2015).

Para tanto, nosso trabalho iniciará por meio da discussão de aspectos relacionados à abordagem dialógica da linguagem, conforme é explicitada pelo Círculo de Bakhtin¹¹. Após isso, trabalharemos a noção de identidade, tendo como fundamento a dialogicidade de pensamentos para a melhor compreensão desse fenômeno inerente à vida dos sujeitos. Logo a seguir, passaremos para a análise de quatro enunciados visuais que compõem o corpus desta pesquisa, sobre o qual nos debruçamos neste artigo e, finalmente, refletiremos sobre os aspectos relevantes do nosso trajeto na seção de considerações finais (e inacabadas) do estudo.

⁷ Segundo Mazaró e Cardin (2024, p. 2121), a sigla representa, respectivamente, "Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexos, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Polissexuais, Não-binárias" e outros grupos de identidade sexual e de gênero representados pelo símbolo +.

⁸ Utilizamos a denominação *cultura mainstream* para nos referirmos aos fenômenos que expressam uma tendência dominante no que tange àquilo que é altamente consumido, legitimado e propagado, nos mais diversos âmbitos da vida, como no mundo da música e da moda, por sujeitos atuantes em sociedade.

⁹ Neste artigo, adotamos a definição de bissexualidade em conformidade com o documento oficial das Nações Unidas para os Direitos Humanos (2013, p. 1), no qual se afirma que a identidade bissexual está relacionada às pessoas que "são emocionalmente, romanticamente ou sexualmente atraídas por pessoas de mais de um gênero" identitário.

¹⁰ Segundo Fabrício (2017, p. 612), a Linguística Aplicada é uma área de conhecimento que se ocupa em desenvolver investigações em torno da linguagem materializada em práticas discursivas do mundo da vida, nas quais os "signos, discursos e textos só existem circulando; se referindo e se amalgamando a outros; forjando ambientes interacionais e construindo relações sociais."

¹¹ Terminologia designada à reunião de pensadores, como Mikhail Bakhtin (1895-1975), Pável Medviédev (1892-1938), Valentin Volóchinov (1895-1936), que se debruçaram sobre a linguagem numa perspectiva dialógica, baseada na produção de enunciados concretos, nos planos da arte e da vida, elaborados por sujeitos historicamente situados e socialmente constituídos.

2 LASTRO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Considerar a linguagem numa perspectiva dialógica implica-nos perceber a maneira com a qual os sujeitos produzem sentidos no processo de interação com o mundo que os cerca. Com isso, segundo o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2018), a matriz epistemológica adotada nesta concepção compreende a língua, para além de um sistema de regras gramaticais internalizado na mente dos indivíduos, “em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (Bakhtin, 2018, p. 207).

Para Bakhtin (2011b), viver significa participar de um diálogo universal, cujo fundamento se encontra na indispensabilidade do outro em nossa constituição. No referido diálogo, os seres humanos, por intermédio da linguagem, escutam, respondem, concordam, discordam, edificam suas vozes e orquestram os seus dizeres em razão da presença necessária e indispensável de seu interlocutor (aquele para quem eu direciono a minha fala). Ou seja, distintivamente, a linguagem, ultrapassando a compreensão de uma língua autossuficiente e estanque no que se refere ao território fraseológico abstrato, é dialógica, pois forma-se como uma atividade socialmente orientada e historicamente atribuída imprescindível para o estabelecimento de conexões verbais e simbólicas ininterruptas entre o eu e o outro na cadeia da comunicação discursiva.

No que tange ao dialogismo como uma característica comum da vida humana, Bakhtin (2015, p. 51) assevera que

[...] a orientação dialógica é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as suas orientações, o discurso se depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. Só um Adão mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não condicionado, o Adão solitário conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro no objeto.

Nesse sentido, conforme os postulados bakhtinianos (2016), a materialidade dos movimentos da língua em uso, nos mais diversos contextos sócio-históricos, é apreciada a partir da construção de enunciados concretos, pelos quais os partícipes de uma determinada esfera discursiva edificam os seus projetos de dizer numa relação dialogicamente disposta com os outros da comunicação discursiva. Tratando o extrato enunciativo dos seres de linguagem como a unidade real da comunicação, transcendendo os domínios da oração, unidade sistemática da língua que sugere “um pensamento relativamente acabado”¹² (Bakhtin, 2016, p. 31), Bakhtin (2016, p. 57) entende que

[...] os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmo; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...]: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentendendos como conhecidos, de certo modo, os leva em conta.

¹² Ao afirmar isso, Bakhtin (2016) salienta a natureza inacabada do enunciado concreto, uma vez que a materialidade enunciativa é preche de respostas. Sendo assim, o enunciado sempre sofrerá um novo acabamento axiológico sob a ótica verbo-valorativa dos outros, coenunciadores, que adicionam novas significações e direcionamentos avaliativos ao conteúdo nele comportado.

Por essa razão, em todo e qualquer enunciado sentimos a presença do seu autor-criador (Bakhtin, 2011a) em marcas linguístico-discursivas que revelam não só uma maneira única e irrepetível de autorar, mas também um posicionamento axiologicamente marcado a partir do ângulo de visão e da atitude responsiva-ativa (Bakhtin, 2016) dos sujeitos perante os ecos e ressonâncias das vozes e ditos alheios que os atravessam. Logo, na posição de enunciador de um discurso, de acordo com Bakhtin (2016), o falante pode, intermediado por trocas dialógicas com os seus coenunciadores, contrariar algo ou alguém, reiterar um ponto de vista, reinterpretar um tema de seu interesse, entre outras ações que adicionam uma carga semântica e potencializam a criação de novos enunciados, baseados em enunciados precedentes, os quais formam, infinitamente, elos na cadeia comunicativa.

Sob essa ótica, percebemos, ainda, no ato da criação dos enunciados concretos (Bakhtin, 2016), imbuído no estilo e na ênfase avaliativa adotada por um enunciador para determinar o acabamento (exauribilidade) dado ao tema do seu discurso, a escolha de palavras em sua dimensão ideológica, as quais, em consonância com Valentin Volóchinov (2019a, 2019b, 2017), sempre reverberam uma potência axiológica que evidencia uma avaliação social. No amplo espectro da circulação de palavras no mundo da vida, o falante se relaciona dialogicamente com os dizeres de outrem e constrói, a partir daquilo que Bakhtin (2015) entende como a assimilação seletiva de palavras alheias, a sua consciência individual sobre a realidade do mundo. Em função disso, em consonância com as impressões de Volóchinov (2017), concebemos a palavra como uma flecha lançada em direção ao outro, que atravessa a vivência das pessoas e organiza a comunicação discursiva. Em sua inteireza, haverá, indubitavelmente, uma significação sógnica, cujo propósito é revelar a singularidade do agir de um sujeito-autor de enunciados em prol de uma (re)interpretação da coletividade e das pautas sociológicas nela circulantes.

Nesse ínterim, as palavras assumem a função social de signos ideológicos¹³ (Volóchinov, 2019a; 2019b, 2017). Firmando-se como materiais que produzem sentidos sobre a dinâmica de uma sociedade, os signos são materiais linguístico-discursivos que produzem sentido ao, concomitantemente, refletir (espelhar em algum grau representacional) e refratar (distorcer e reconstruir) a vida concreta dos falantes. Articulando signos ideológicos na elaboração dos enunciados que proferem, os sujeitos expressam marcas verbo-ideológicas com as quais é possível avaliar não somente as imagens axiológicas de si mesmos imbricadas naquilo que é dito, mas também imagens axiológicas nos discursos dos outros, bem como seus respectivos valores, empregados na criação enunciativa envolvida na dialogicidade da comunicação entre os enunciadores.

Isso posto, baseando-se na valoração como uma característica inerente à atividade vivencial de todos os seres humanos, em suas práticas e formas de ir e vir corriqueiramente, Pável Medviédev (2016, p. 56) ainda ressalta:

[...] o homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de "objetos-signo" dos mais diversos tipos e categorias: de palavras realizadas nas suas mais diversas formas, pronunciadas, escritas e outras; de afirmações científicas; de símbolos e crenças religiosas; de obras de arte,

¹³ Perante essa conceituação, é imperativo explicitar que a ideologia, sob o arcabouço epistemológico do Círculo de Bakhtin, especificamente em consonância com o pensamento de Volóchinov (2017, 2019a, 2019b), relaciona-se a um conjunto de valores sócio-culturais e axiologias circulantes numa sociedade, cuja ação interfere diretamente na maneira de pensar e de agir dos sujeitos. Por meio da ideologia, os sujeitos organizam os seus dizeres, sob determinadas ênfases valorativas, posicionando-se em relação aos outros, a partir de um ângulo de visão dialógico que sugere, intrinsecamente ao seu dizer, o lugar de onde partem e os pontos de vista que defendem.

e assim por diante. Tudo isso em seu conjunto constitui o meio ideológico que envolve o homem por todos os lados em um círculo denso.

À vista disso, percebemos que as trocas dialógicas (e ideológicas), estimuladas pela interação verbal das pessoas e pela profusão de palavras valoradas, geram, no olhar de Volóchinov (2017), um palco de lutas de classe no qual os autores-criadores (participantes da sociedade) autoram e se posicionam axiologicamente em defesa do lugar sócio-histórico de onde partem. Em decorrência dessa percepção, depreendemos os multidirecionamentos sógnicos, os quais sinalizam a grandeza exponencial de valores e pontos de vista e avaliações sociais, que orientam a vivência e os embates discursivos emergentes do choque entre os posicionamentos e as respectivas ideologias disputadas no enunciado. Com essa assertiva, tendo em mente que viver significa ocupar uma posição axiológica no mundo da vida (Bakhtin, 2010, 2011a, 2011b), “não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa” (Volóchinov, 2017, p. 208), que determina a posição do sujeito no mundo e a direção para qual o seu enunciado se destina.

Todas essas concepções e ideias defendidas pelo Círculo de Bakhtin retroalimentam aquilo que julgamos ser uma abordagem dialógica da linguagem, cujo cerne está em atingir uma compreensão interpretativa proficiente acerca dos sentidos de um dado enunciado (Bakhtin, 2016). Para atingir tal objetivo, faz-se imperativo, segundo Bakhtin (2017), lançar uma luz que ilumina retrospectivamente para o correlacionamento (cotejamento dialógico) entre textos e contextos, na tentativa de acessar os fios enunciativos que se entrelaçam na constituição de um empreendimento discursivo, já que “toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos” (BAKHTIN, 2017, p. 66).

Nessa linha de raciocínio, Bakhtin (2015) salienta, em seus construtos a respeito do contato dialógico entre enunciados, que “a interpretação ativa [...] estabelece uma série de interrelações complexas, consonantes e heterossonantes com o objeto da interpretação, enriquece-os com os novos elementos” (Bakhtin, 2015, p. 55). Como consequência desse raciocínio, almejamos uma análise que contemple os elementos do enunciado em sua correlação dialogicamente disposta com outros materiais analíticos, os quais, na tecitura semântico-axiológica da linguagem, corroboram numa compreensão profícua dos sentidos e direcionamentos verbo-ideológicos da produção verbal por nós perscrutada.

Aliando-se aos pressupostos aqui explanados, os quais preenchem, em conjunto, a tessitura teórico-metodológica que orienta o dialogismo constitutivo inerente à produção discursiva, acessamos a construção do enunciado como parte integrante da interação sócio-histórica dos sujeitos, por meio do qual falantes e ouvintes se comunicam e expressam suas consciências e as materializam no discurso. Em suma, diante das contribuições do conhecido *Círculo de Bakhtin*, adquirimos a possibilidade de analisar as marcas linguístico-discursivas do dizer do personagem Nick Nelson, de *Heartstopper*, tendo foco em como, na materialização do dizer do ser de linguagem em questão, os enunciados são atravessados e proferidos em relação aos outros do seu entorno. Por tal constatação, acreditamos que o protagonista da *webtoon* supramencionada, a partir do campo de visão responsivo-ativo que abarca o seu posicionamento axiológico, diante da realidade que o cerca, constitui a sua singularidade pela linguagem que empreende e

que, inquestionavelmente, refrata e reforça as suas ideologias e a sua maneira de pensar e agir no mundo.

Por conseguinte, na próxima seção, discutiremos, de forma complementar à *abordagem dialógica da linguagem*, as noções de identidade e alteridade na constituição do sujeito.

3 NA CONSTITUIÇÃO DE SI E DO OUTRO: IDENTIDADE E ALTERIDADE EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

Do ponto de vista teórico e metodológico, o nosso trabalho, no recorte que decidimos trazer para este artigo, baseia-se nos pressupostos construídos, estudados e debatidos, assim como publicados, em muitos livros e revistas acadêmicas, por Mikhail Bakhtin e seu Círculo de pensadores, bem como de divulgadores de seus pensamentos filosóficos. Contudo, julgamos necessário estabelecer um diálogo entre as ideias do filósofo russo e outras teorias cujo bojo conceitual trata das mesmas categorias. Seja para aglutinar, seja para discordar. Para tanto, iniciemos pela noção de identidade.

Dito isso, consideramos importante pontuar que, na contemporaneidade, existem vozes teóricas, sobretudo nas ciências humanas, muito importantes, construindo discursos e conhecimentos sobre a noção de identidade(s). Um outro fator *sine qua non*, e que não se pode deixar de lado no nosso artigo, são as transformações sociais e o empoderamento porque passam as classes menos favorecidas nos tempos atuais.

A crescente perda da hegemonia econômica e política dos grandes países capitalistas, ou seja, o desgaste de sua centralidade nas narrativas socioeconômicas, diante dos crescentes ataques de grupos nômades e eminentemente descentrados; as pressões exercidas por grupos que estão às margens sociais, como trabalhadores de maneira geral, gays, negros e mulheres, formando frente ampla contra comportamentos e padrões estabelecidos por uma heteronormatividade branca e masculina; e as reivindicações constantes dos grupos de trabalhadores por terra e também por uma justa distribuição do capital em quase todos os países do mundo podem ser consideradas marcas de que as margens exigem a legitimação de suas vozes e de que as identidades nunca foram modelos estabelecidos por uma tradição antiga, intocáveis e uniformes. Ao contrário disso, cada vez mais, há de se entender, em caráter de urgência, suas composições plásticas, arenosas, construídas social e historicamente na ordem do (não só, mas também) discurso, negociadas na interação e, por vezes, em conflitos que envolvem a alteridade dos sujeitos.

Nesse sentido, Bakhtin (2010, 2015 e 2017) e Medviédev (2016), quando tratam da relação entre cultura e vida, apontam para um imbricamento, uma mistura entre esses dois mundos. Segundo eles, vida e cultura se atravessam e se complementam, tornando-se indivisíveis, sobretudo no momento em que contribuem para a construção de identidades dos sujeitos.

Desse modo, temos aqui uma identidade cujo bojo, para Bakhtin e o Círculo, está assentado na alteridade. Ou seja, por assim dizer, compreendemos a identidade alteritária como um processo, no qual esse ser de linguagem (sujeito historicamente construído) se constitui, (por meio do funcionamento dialógico da linguagem que pressupõe as relações entre os sujeitos), através do outro, ao mesmo tempo em que constitui esse outro. Portanto, é confortável aqui afirmarmos que é por meio dessa alteridade que acontece o processo de interação (diálogo entre, no mínimo, duas consciências) e é nessa interação que a

identidade desses sujeitos vai se configurando e se reconstruindo, em um processo de acabamento quase que infinito.

Dialogicamente, o eu e o outro se fundem, numa relação indispensavelmente imbricada, compartilhando e coautorando no e sobre o mundo da vida, posto que, consoante a Bakhtin (2010, p. 142),

[...] a vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. Um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento do existir que apresenta um aspecto valorativo diferente, quando correlacionado comigo ou com o outro; e o mundo inteiro, conteudisticamente uno, correlacionado comigo e com o outro, é permeado de um tom emotivo-volitivo diferente, é dotado, no seu sentido mais vivo e mais essencial, de uma validade diferente sobre o plano do valor. Isto não compromete a unidade de sentido do mundo, mas a eleva ao grau de unicidade própria do evento.

Nesse fio de compreensão, ainda que diferentes, os sujeitos atuam em conjunto, constituindo-se um pelo outro, de modo elementar e complementar, valorando e produzindo sentidos sobre si e sobre a coletividade que preenchem axiologicamente, a partir do lugar único e irrepetível no tempo-espço do agir humano. Em conformidade com os construtos teóricos de Bakhtin e do Círculo, Sobral e Giacomelli (2015, p. 220) apontam que "a concepção dialógica define a identidade, assim, como algo dinâmico, algo que tem como centro o tornar-se, a constituição permanente do sujeito, em contato com outros sujeitos, em situações concretas". Desse modo, reafirmam e se coadunam com o que defendemos aqui neste trabalho: que a nossa identidade está em construção à medida que entramos nessa cadeia ininterrupta da comunicação enunciativa, a qual faz parte de todas as práticas de comunicação no mundo da vida. Assim como afirma Medviédev (2016, p.183):

[...] dessa forma, a própria presença peculiar do enunciado é histórica e socialmente significativa. Da categoria de uma realidade natural, ela passa para a categoria de uma realidade histórica. O enunciado já não é um corpo nem um processo físico, mas um acontecimento da história, mesmo que seja infinitamente pequeno.

Amparados por essa afirmação do autor, conseguimos defender que, por trocarmos experiências e nos comunicarmos através desses arcabouços culturais a que chamamos de enunciados, e por estes serem historicamente marcados, é que a sua contribuição para a construção das identidades é fundamental. Assim sendo, para a concepção de identidade que alicerça a nossa compreensão neste artigo, é vital dizermos que, no momento em que o sujeito se engaja no discurso, ele constrói e reconstrói a sua própria identidade. Em outras palavras, ele, ao mesmo tempo, se configura identitariamente e considera o discurso do outro (mesmo que discorde dos posicionamentos dele - o outro). Por meio dessas vozes, emergem "as posições axiológicas daquele que enuncia, as suas representações identitárias" (Bastos; Ribeiro, 2020, p.828). Vendo dessa maneira, é possível afirmar que todo sujeito performa múltiplas identidades, socialmente falando, uma vez que está travando batalhas dialógicas e ideológicas com diferentes co-enunciadores. Essa identidade, por assim dizer, é uma construção que se organiza socialmente através de discursos.

Contudo, ao contrário do que se pode dizer das identidades que esse sujeito pode assumir, cada ato que ele produz é único, mesmo que seja dentro do processo de identificar-se alteritariamente. Assim, é por se posicionar entre o singular e o universal, entre o social e o pessoal que esse sujeito vai assumindo o seu papel no mundo da vida e no

mundo da arte, não podendo, portanto, fugir da responsabilidade ética e estética, pois não há alibi para a sua existência, como nos aponta Bakhtin(2010), em *Para uma filosofia do ato*: “é essa afirmação do meu não-alibi no existir que constitui a base da existência sendo tanto dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado”(p. 99).

Perante o exposto, passemos, na próxima seção, à análise dialógica da construção da identidade bissexual do personagem Nick Nelson, da *webtoon Heartstopper*.

4 UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE BISSEXUAL DE NICK NELSON: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DOS ENUNCIADOS DA WEBTOON HEARTSTOPPER

A partir do recorte de quatro enunciados verbo-visuais¹⁴, elencados para os fins investigativos que este trabalho se propõe, daremos início a seguir a nossa análise. Para que o sentido de cada um dos enunciados seja preservado, já que em uma análise dialógica interessam, além da materialidade sógnica, as circunstâncias mediatas e imediatas de sua elaboração, faremos uso das imagens no texto original da obra, no caso o inglês, porém cada uma delas acompanhará a tradução realizada pela Editora Seguinte, responsável pela publicação dos quadrinhos em território brasileiro, em suas respectivas notas de rodapé correspondentes.

O Círculo de Bakhtin destaca a natureza dialógica do desenvolvimento humano, onde as vozes sociais¹⁵ moldam e são moldadas pela especificidades verbo-ideológicas que constroem uma dada coletividade. Em *Heartstopper*, o diálogo entre os personagens é a força motriz por trás da formação da identidade de Nick Nelson como uma pessoa bissexual. O diálogo na *webtoon* é um espaço no qual as vozes dos personagens coexistem e se entrelaçam. As conversas de Nick com seus amigos proporcionam um ambiente fértil para a expressão de sua sexualidade e a aceitação ou a resistência, por parte dos outros personagens, desencadeia um diálogo constante, definindo a compreensão de Nick sobre sua própria identidade.

Não menos importante, a pluralidade de vozes no círculo social de Nick é fundamental nesse processo. As diferentes perspectivas dos personagens secundários oferecem uma gama de pontos de vista sobre a bissexualidade, ampliando a compreensão do leitor sobre as experiências diversificadas desse grupo. Sob esse prisma, ainda que não aborde a pauta identitária de forma explícita, é possível inferir que a identidade, para o filósofo Mikhail Bakhtin (2010), é construída através do confronto alteritário com outras vozes, e *Heartstopper* exemplifica esse princípio ao retratar Nick navegando entre diversas influências e expectativas sociais dos outros ao seu redor. No caso dele, suas interações com outros personagens desempenham um papel crucial na expressão e construção de sua identidade bissexual. As conversas com amigos, familiares e colegas não apenas refletem (e refratam) as perspectivas sociais circundantes, mas também contribuem para a constituição dinâmica de sua identidade.

No primeiro enunciado que analisaremos, temos um recorte temático bem específico dentro da narrativa. Nessa primeira figura, as personagens Charlie e Tao travam um diálogo sobre o Nick (personagem sobre o qual voltamos o nosso enfoque neste artigo e na construção da sua identidade) e o fato de um deles estar se sentindo atraído por ele.

¹⁴ Segundo Brait (2013, p.62) na análise de um enunciado verbo-visual “A dimensão visual interage constitutivamente com o verbal (ou vice-versa), acrescentando-lhe valores. Sem esse jogo não se dá a construção do objeto de conhecimento, nem dos sujeitos da construção e da recepção.”

¹⁵ A noção de vozes sociais remonta à ideia de *heterodiscurso social* defendida por Mikhail Bakhtin (2015). Para o estudioso, diversas vozes povoam a sociedade e, por meio delas, os sujeitos incorporam diversos discursos, com os quais se nota a pluralidade de direcionamentos verbo-ideológicos e de valores sociológicos, na produção do enunciado concreto (Bakhtin, 2016).

Charlie tenta defender Nick para Tao, seu melhor amigo, que imediatamente traz argumentos para categorizá-lo como alguém com quem eles não simpatizavam. Charlie Spring e Tao Xu (enunciado representado na figura 1) representam vozes externas (consciências outras) que influenciam a autopercepção de Nick e podem ser entendidos como representantes de diferentes normas culturais e expectativas sociais, especialmente aquelas relacionadas à masculinidade. Ao longo da narrativa, é possível perceber marcas e pistas dessa construção nos discursos e polêmicas levantadas.

Figura 1: Charlie e Tao conversam sobre o Nick



Fonte: Oseman (2024)¹⁶

Um outro fator importante na construção dos signos de masculinidade e virilidade é o esporte que Nick pratica. O rugby¹⁷, como esporte, é frequentemente associado às imagens sociais que se apropriam do espectro masculino, como a virilidade, a força, e a discussão sobre a participação de Nick nesse contexto específico revela uma negociação complexa entre sua voz interior e essas vozes outras, externas ao seu campo axiológico de visão. Tao, mesmo sem conhecer o protagonista, evoca no enunciado características que ele pressupõe serem dele, tais quais a forma de se referir a outros (Mate/parça), o comportamento em locais (tacar comida nas pessoas), e isso reafirma que Nick está sujeito não apenas às normas associadas ao esporte, mas também às expectativas sociais mais amplas em relação à sua identidade sexual. A sociedade impõe estereótipos específicos sobre como os homens devem se comportar, incluindo a demonstração de uma masculinidade hegemônica que não permite desvio das valorações estabelecidas pelo patriarcado (Forner; Soares, 2024), e o esporte, muitas vezes, serve como uma arena onde essas expectativas são reforçadas ou desafiadas.

¹⁶ Tao - Mas ele é um dos caras do rúgbi! Ele é amigo do Harry Greene, pelo amor de Deus.

Charlie - E daí? Nick é bem legal!

Tao - Para, vai. Ele é o maior Topzera. Chama todo mundo de "parça" e deve atirar comida nas pessoas no ônibus.

Charlie - ...ele não me chama de "parça", na real.

¹⁷ O rugby é um esporte de equipe físico e estratégico, originado na Inglaterra. O jogo combina força física, habilidade tática e estratégia, enquanto os jogadores participam ativamente em passes, chutes e tackles. Além disso, o esporte é notável por promover valores como solidariedade, respeito pelos oponentes e integridade, destacando-se como um esporte que vai além da competição pura.

Essas vozes externas, ao interagirem com a voz interna (consciência individual¹⁸) de Nick, contribuem para a negociação constante de sua identidade. Ainda assim, é possível notar que a conversa sobre o rugby acontece em um ambiente específico, neste caso a escola onde todos compartilham as vivências, lugar em que normas culturais, estereótipos de gênero e expectativas sociais desempenham um papel crucial. A identidade de Nick, portanto, é moldada não apenas pelas palavras trocadas, mas também pelo contexto social que envolve a discussão.

No segundo enunciado (figura 2), percebemos que o personagem começa a aflorar sentimentos românticos pelo outro protagonista da trama, no caso o Charlie, e se pega pesquisando acerca da dualidade entre gostar de garotas, mas também de garotos. O confronto aparece no questionamento, nas feições e nas onomatopéias, recursos verbo-ideológicos, que a narrativa registra. A escolha pelo registro sígnico de imagens e palavras e o registro verbal que tenta representar do teclado do computador de Nick são marcas axiológicas que trazem para a cena o conflito interno do personagem. Assim, como a construção da identidade é compreendida pela perspectiva bakhtiniana, podemos enxergar que a identidade bissexual de Nick vai se materializando a partir dos embates dialógicos que ele trava constantemente com seus outros. E essas marcas discursivas no enunciado em análise reforçam o acerto de nossa escolha ao usar o par de óculos da análise dialógica para melhor compreender como Nick Nelson vai se constituindo enquanto um homem bissexual.

Figura 2: Nick navega na internet em busca de respostas



Fonte: Oseman (2024)¹⁹

É interessante notar que o protagonista aqui realiza esse "diálogo" não com um grupo de amigos, mas sim com uma pesquisa na internet. Ele, por meio das vozes sociais que incorporou ao longo de outras interações, sabe que nutrir desejos amorosos homossexuais é algo minorizado socialmente e não expõe isso para outros sujeitos, mas

¹⁸ Na ótica de Bakhtin (2011b), a consciência individual, isto é, a voz que emerge do nosso pensamento e que nos proporciona a construção de sentidos sobre o mundo, relaciona-se, dialogicamente, com as consciências-outras que circulam no mundo da vida. Para o filósofo russo, "eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro" (Bakhtin, 2011b, p. 341). Acrescentando-se a isso, é fulcral depreender que os "atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (com tu)" (Bakhtin, 2011b, p. 341).

¹⁹ - eu gosto de meninas, mas agora gosto de um menino????

começa a se questionar e, assim como a própria sociedade, a não entender como isso pode acontecer. Ao investigar suas preferências e identidade sexual pela internet, Nick incorpora vozes de várias fontes que ecoam na sociedade, incluindo discursos que estão imbricados de "tabus" ou, ainda, vários tipos de "preconceitos" (Andrade; Ricardo; Bruno, 2023, p. 7). A pressão normativa e os estigmas associados à orientação sexual são expressos por meio dessas vozes sociais, representando uma norma cultural que pode influenciar a forma como Nick se percebe e se posiciona em relação à sua sexualidade e, desta forma, manifestando a tensão entre as normas socialmente construídas e a voz interna dele.

A cultura LGBTQIAPN+ é uma voz importante nesse diálogo, pois o personagem se depara com narrativas e experiências compartilhadas por essa comunidade, adicionando novas perspectivas e possibilidades à compreensão de sua própria identidade, além de respostas que lhe autorizam a viver o que sente. A diversidade de vozes, dentro da comunidade acima citada, contribui para uma rica tapeçaria de experiências, no simpósio universal da vida humana (Bakhtin, 2011b), que podem ressoar ou contrastar com as experiências individuais de Nick.

A voz dele, como participante ativo nesse diálogo de múltiplos enunciados ecoados, é crucial. Suas próprias experiências, sentimentos e reflexões adicionam uma dimensão pessoal e única ao coro de vozes. O diálogo aqui não é apenas uma coexistência de vozes externas, mas também um encontro ativo e dinâmico entre essas vozes e a voz individual de Nick que leva em consideração as atitudes sociais em relação à sexualidade, especialmente em relação à bissexualidade ou à atração por múltiplos gêneros, moldando seu diálogo interno.

Figura 3: Nick e sua mãe conversam sobre Charlie



Fonte: Oseman (2024)²⁰

No terceiro enunciado (figura 3), o protagonista conversa com a mãe, a qual observa que Charlie (seu interesse romântico) é diferente de outros amigos de seu círculo de amizade e, além disso, que a personalidade do filho é mais verdadeira, ou autêntica, quando eles estão próximos. A interação dialógica entre a voz da mãe e a voz interna de

²⁰ Sarah - Ele é bem diferente dos seus outros amigos, né? Você parece muito mais à vontade perto dele.

Nick - Pareço?

Sarah- Sim!

Nick, bem como sua resposta, revela nuances significativas na negociação constante de sua identidade. Isso inicialmente pode indicar que, na frente da própria família, seus traços identitários eram suprimidos, ou silenciados, na tentativa de disfarçar qualquer interesse romântico em outro rapaz. A afirmação da mãe de que ele é mais autêntico na presença de Charlie sugere uma percepção materna aguçada, capaz de identificar aspectos da personalidade de Nick que podem ser mais pronunciados em determinados contextos ou relações. Essa percepção materna age como um espelho externo que, de certa forma, molda a autopercepção de Nick, influenciando sua compreensão de si mesmo.

Inclusive, a notória recepção positiva e aceitabilidade da mãe do personagem ainda corrobora com o rompimento de certos padrões identitários que são destinados ao menino e à menina, ao homem e à mulher, que, de certo, afetam e cerceiam a liberdade de escolha dos sujeitos. A título de exemplo, para Hauer e Guimarães (2015, p. 650),

[...] a heterossexualidade e o binarismo de gênero são "tão certos", "tão naturais", que se tornam o ponto central em torno do qual giram os planos para a criança que vai chegar. Se for menina vai usar rosa, terá bonecas, fará aulas de balé; se for menino, usará azul, brincará de carrinho e frequentará uma escolinha de futebol. Para os pais e mães, tudo isto é tão certo quanto o dia em que a filha encontrará um rapaz, ou o filho encontrará uma moça, com quem vai se casar e ter filhos.

Nesse ínterim, não causando desconforto em seu filho, Sarah não age de forma indiferente (Bakhtin, 2010) com os questionamentos internos que assolam a construção identitária do protagonista da *webtoon*. Distintivamente, a mãe contraria aquilo que se espera da lógica binária de uma heterossexualidade (Hauer; Guimarães, 2015) limitante às possibilidades de ser e estar diante da coletividade: o confronto. A sua naturalidade, e até clarividência, ao enxergar no seu outro um momento de dúvida e anseio em relação a si mesmo, faz com que apreciemos a ação respeitosa e o diálogo aberto, livre de rótulos, preconceitos e tabus, da genitora em relação ao seu filho.

A resistência ou conformidade de Nick diante dessa percepção materna se torna uma dimensão relevante na análise. Sua resposta à observação da mãe reflete sua agência na construção identitária, evidenciando sua capacidade de aceitar ou questionar as interpretações externas de quem ele é. Se Nick resiste à percepção materna, isso pode indicar uma luta para afirmar sua individualidade e autonomia na definição de sua identidade. Por outro lado, se ele se conforma com essa visão materna, isso pode sugerir uma busca por aprovação ou alinhamento com as expectativas externas. No entanto, é preciso pontuar aqui que, sua voz interna, ligada à não aceitação social da homossexualidade, é mais forte do que a voz da própria mãe, já que é possível notar nas feições do rosto da mãe que o seu posicionamento axiológico exprime um caráter positivo a sua afirmação. Isso significa dizer que, para o personagem, o sentimento que passou a nutrir é mais inaceitável internamente do que externamente. A análise dialógica, correlacionando textos e contextos, aqui, é essencial para desenterrar tais complexidades dessa negociação, examinando não apenas as palavras trocadas, mas também as nuances tonais, as entrelinhas e os silêncios que compõem o diálogo entre as vozes presentes.

A resposta de Nick, e o seu posterior silêncio e feições pensativas, à observação de sua mãe é um espaço onde sua agência na construção identitária se manifesta. No momento em que ele inicia seu questionamento interno, isso revela que, para ele, o mais esperado é que seu sentimento não ficasse óbvio, talvez porque, em sua autoimagem, ele acreditasse se aproximar mais dos padrões heterossexuais do que a outros.

Não podemos deixar de pontuar, ainda, que através desse diálogo acessamos uma relação diferente que se estabelece entre os interlocutores. Embora o tema seja a sexualidade da personagem, fio que, também, une a composição de nosso *corpus*, temos aqui a figura da Mãe, o papel social que exerce uma força de poder, do ponto de vista ideológico e histórico, preponderante para a construção da identidade dos sujeitos. Então,

vislumbramos aqui, nessa tensão que se estabelece, um diálogo muito importante, sobretudo, devido ao interlocutor que se faz presente na interação comunicativa.

No quarto enunciado (figura 4), vemos um embate entre Nick e seu irmão mais velho, David, quanto a sua sexualidade. De um lado, temos a representação de uma voz social que reflete (e refrata) posicionamentos que categorizam e rotulam, deslegitimando a sexualidade do irmão e perpetrando o fato de que “aquilo que o caracteriza como bissexual é distorcido, menosprezado ou apagado” (Jaeger; Longuini; Oliveira; Toneli, 2019, p. 10). Enquanto isso, a resposta do outro introduz sua própria voz, reivindicando uma identidade que transcende uma definição simplista, representando assim a tensão entre a perspectiva externa e as experiências internas. Bakhtin (2010; 2011a; 2017), quando discorre da necessidade do outro na constituição dos sujeitos, argumenta que é nesse confronto que a alteridade é acionada e esse aspecto é salientado no processo analítico-interpretativo à medida que Nick se vê obrigado a articular e reafirmar sua verdadeira identidade frente às expectativas externas, tomando parte do diálogo em prol de uma agência LGBTQIAPN+, ou seja, o seu eu em relação aos outros do seu entorno. Posto isso, a interação dialógica, entre sujeitos e ditos alheios, evidencia a constante negociação de vozes na construção da identidade.

Nick não se deixa ser reduzido a uma definição fixa de bissexualidade; ao contrário, ele se move em um espectro que evidencia a natureza dinâmica da sexualidade humana. Essa representação desafia estereótipos e proporciona uma visão mais autêntica e inclusiva das experiências bissexuais.

Figura 4: Nick e seu irmão mais velho entram em um embate acerca de sua sexualidade



Fonte: Oseman (2024)²¹

Nesse enunciado, há um embate entre o posicionamento axiológico de Nick, ao defender a sua identidade bissexual, e a voz do seu irmão que, além de reproduzir o discurso estereotipadamente “oficial” preconceituoso e machista, impondo à heterossexualidade como única alternativa (Hauer; Guimarães, 2015), tenta deslegitimar o processo pelo qual Nick construiu a sua identidade. Isso se revela quando ele tonaliza a

²¹ David - Deveria ter percebido que você era um gayzinho no armário.

Nick - Eu sou bi, na verdade. E daí?

David - “Eu sou bi, na verdade!!” Se quer ser gay, pelo menos admite que é, cara.

performance identitária de gays e bissexuais como essencializada, sem tonalidades, isto é, como duais, em relação ao pólo central heteronormativo. Esse embate exige, portanto, nessa altura da narrativa, uma postura mais firme e uma afirmação mais incisiva do personagem. As armas discursivas, utilizadas pelo representante da voz que tenta silenciar o discurso de Nick (quando este defende e assume um contra-discurso), é a imitação literal da afirmação de seu "adversário" e a volta para o lugar de categorizar Nick apenas como gay. Essa é uma tentativa de uma voz que possui uma posição e um poder social, mais "tradicional" e estigmatizante, de impedir o desdobramento de identidades que negam uma existência normativa monológica, sem possibilidades de expansão. Os recursos utilizados pelo irmão do Nick para calar a sua identidade bissexual estão também no campo discursivo e este é um viés muito poderoso utilizado para amordaçar o percurso de desconstrução e de construção de algo novo, no campo das identidades. Primeiramente, podemos observar que, ao repetir a fala do irmão com a representação da marcação entre aspas no enunciado, se desvela discursivamente o desdém pelo posicionamento que o Nick agencia, desqualificando sua identidade bissexual. Logo em seguida, por meio do destaque dado a palavra *admit*, vemos uma marcação linguístico-discursiva que nos dá indícios de um traço de superioridade, ou, ainda, impositivo, que obriga a enxergar uma visão particular sem espaço para discussão ou consideração do ponto de vista do outro.

A resistência de Nick em aceitar rótulos simplistas demonstra uma luta pela autonomia discursiva e ética no mundo da vida (Bakhtin, 2010). Sendo a identidade uma construção dinâmica, neste contexto, ele busca criar um espaço para sua própria voz, resistindo à imposição de binarismos coercitivos que podem limitar sua autenticidade. Neste sentido, o personagem vai de uma identidade que não se aceita a uma que se coloca no palco da agência LGBTQIAPN+.

5 INACABAMENTOS IDENTITÁRIOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer a intrincada trajetória de autodescobrimento de Nick na *webtoon Heartstopper* sob a perspectiva bakhtiniana, mergulhamos não apenas nas complexidades individuais do protagonista, mas também nas ricas interações dialógicas que moldam sua jornada. A pluralidade de vozes, influências e experiências presentes na narrativa ressoa como um eco das múltiplas facetas da identidade bissexual, formando um mosaico genuíno e humano.

Quando analisamos o texto sob a luz dos construtos teórico-filosóficos do Círculo de Bakhtin, é possível enxergar as camadas que desvelam uma tessitura única de vozes cuja contribuição para a construção da identidade do nosso protagonista é crucial. Cada interação é um diálogo vivo que reflete e refrata as tensões, conflitos e resoluções inerentes à jornada de autodescoberta, proporcionando aos leitores um vislumbre das nuances emocionais e psicológicas envolvidas. A *webtoon*, ao adotar essa abordagem, transcende a mera representação gráfica para se tornar um espaço dinâmico de interações, no qual as vozes dos personagens ecoam em harmonia e conflito, refletindo as complexidades inerentes à descoberta de si e promovendo uma profunda reflexão sobre a diversidade sexual e a aceitação.

É preciso observar que o impacto potencial dessa narrativa transcende o âmbito individual do protagonista. Ao destacar as complexidades da identidade bissexual, a obra não apenas amplia a compreensão dos leitores sobre a diversidade sexual, mas também desafia estereótipos prejudiciais à constituição identitária desses sujeitos, contribuindo para a construção de um corpo social mais inclusivo e tolerante. Dessa forma, ela se torna, assim, um instrumento de conscientização que abre espaço para diálogos construtivos

sobre a aceitação das diferenças, além de estimular uma reflexão crítica sobre as próprias crenças e atitudes e sobre como estas impactam a vida humana, podendo auxiliar no debate em torno da efetivação de uma sociedade mais propícia à aceitação e ao respeito à diversidade.

Portanto, ao refletirmos sobre a magnitude da jornada de autodescoberta de Nick em *Heartstopper*, é inegável que essa narrativa transcende as fronteiras convencionais do entretenimento, emergindo como uma força catalisadora de representações que podem provocar mudanças sociais. A análise dialógica, longe de ser apenas um mero artifício analítico e de agenciamento interpretativo, revela-se como uma chave mestra que desbloqueia não apenas as camadas intrincadas da representação artística, mas também a compreensão mais profunda das interações verbo-ideológicas complexas existentes entre a identidade individual e as transformações sociais que podem ser desencadeadas por esses encontros narrativos.

A jornada de Nick, portanto, não é apenas a história de um personagem fictício, mas uma narrativa que ressoa com a realidade de muitos leitores, proporcionando um espelho para suas próprias experiências e desafios. Por meio da *webtoon*, ele não apenas encontra sua voz, mas também se torna um veículo para amplificar as vozes daqueles que se identificam com sua jornada de autodescoberta.

Ao fechar esta reflexão, é pertinente considerar como as mudanças sociais são frequentemente desencadeadas por narrativas que desafiam normas preestabelecidas e instigam questionamentos construtivos, caso contrário perderemos a oportunidade de estudar e compreender melhor os movimentos tão atravessados e potentes entre arte e vida. *Heartstopper* não apenas representa uma história singular, mas instiga uma conversa mais ampla sobre a necessidade de representações diversas na mídia e seu impacto na construção de sociedades mais inclusivas, principalmente por se firmar como uma narrativa claramente endereçada ao público juvenil, pessoas que, fatidicamente, estão construindo as suas identidades. Assim, ao adentrarmos em meio aos enunciados artísticos, é imperativo destacar não apenas o papel transformador da arte, mas também reconhecer a responsabilidade inerente aos criadores de conteúdo na construção de narrativas que transcendem o mero entretenimento, almejando a construção de um mundo mais compreensivo, tolerante e aberto a toda a riqueza da experiência humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. L. A.; RICARDO, H. T.; BRUNO, J. A. B. S. Sexualidade na adolescência: como escola e família tem lidado com este tema? **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.61164/rmnm.v10i1.1552>. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1552>. Acesso em: 3 fev. 2024.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 57-79.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 11-70.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 17-241.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. p. 3-192.

BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. p. 337-358.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BASTOS, R. L. G.; RIBEIRO, P. B. A relação entre linguagem e identidade sob uma perspectiva dialógica. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 14, n. 3, p. 809-829, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL43-v14n3a2020-4>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/47468>. Acesso em: 4 abr. 2024.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 4 abr. 2024.

CHO, H. The Webtoon: a new form for graphic narrative. **The Comics Journal**, Seattle, jul. 2016. Disponível em: <https://www.tcj.com/the-webtoon-a-new-form-for-graphic-narrative/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

FORNER, O. M. C.; SOARES, J. B. O papel da masculinidade hegemônica no discurso político da extrema direita: um estudo do propósito comunicativo da família defendida por Jair Bolsonaro. **Intexto**, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 1-21, 2024. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583.56.132842>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/132842>. Acesso em: 2 fev. 2024.

HAUER, M.; GUIMARAES, R. S. Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 649-662, set. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-10>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 5 fev. 2024.

JAEGER, M. B.; LONGHINI, G. N.; OLIVEIRA, J. M. TONELI, M. J. F. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Periódicos: Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**, Salvador, v. 2, n. 11, p. 1-16, nov. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/peri.v2i11.28011>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/28011>. Acesso em: 25 jan. 2024.

MAZARO, J. L.; CARDIN, V. S. G. A cultura como um direito da personalidade: visibilidade e representatividade das identidades LGBTQIAPN+. **Revista Quaestio Iuris**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 2119-2141, 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/rqi.2023.69983>. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/quaestioiuris/article/view/69983>. Acesso em: 25 jan. 2024.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

NAÇÕES UNIDAS. **Livres & Iguais**: Bissexualidade - Nota de informação. [S. l.], 2013. Disponível em: <https://www.unfe.org/pt-pt/learn-more/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

OSEMAN, A. **Heartstopper**. Disponível em: https://www.webtoons.com/en/canvas/heartstopper/list?title_no=329660. Acesso em: 9 fev. 2024

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. A concepção dialógica e os dois planos da linguagem e da constituição do sujeito: algumas considerações. **Nonada: Letras em revista**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 204-223, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451510015.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2024.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a. p. 109-146.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social (1930). In: VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 306-336.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheilla Grillo e Ekaterina V. Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Artigo recebido em: 10/02/2024
Artigo aprovado em: 08/04/2024
Artigo publicado em: 11/05/2024

COMO CITAR

SILVA, P. E. F. da; CASADO ALVES, M. da P.; SOUZA, M. S. de; OLIVEIRA, W. B. dos S. A jornada da descoberta de si: uma análise dialógica da representação da identidade bissexual na *webtoon heartstopper*. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-18, e02404, 2024.